

O Setor de Diversões Sul espera aprovação de emenda do orçamento de 2004 para conseguir R\$ 17 milhões que irão financiar as obras

Monique Renne



COM MAIS DE TRINTA ANOS DE IDADE, REGIÃO SE ESFORÇA PARA RETORNAR AOS ANOS DE GLÓRIA

Conic aguarda revitalização

CANDICE ALCÂNTARA

Ponto de prostitutas e de religiosos, o Setor de Diversões Sul (SDS) amarga o abandono. Mesmo estando no centro de Brasília, o Conic padece com a falta de consumidores e de lojistas. Com mais de trinta anos de idade, o setor se esforça para retornar aos anos de glória, quando abrigava as embaixadas da China e da Argentina, o Cine Atlântida e a sede da Caixa Econômica Federal em Brasília. Atualmente, a prefeitura do local se mobiliza para des-

lançar o projeto de revitalização do conjunto comercial.

A idéia surgiu em 1998, quando os proprietários do Boulevard, um dos prédios do setor, resolveram reformá-lo. A partir de então, os outros quatorze edifícios que compõem o SDS seguiram a mesma tendência, com o auxílio da prefeitura do local. Com intuito de reconquistar o prestígio,

a administração busca recursos para reconstruir a praça das fontes, as salas de cinemas e o pavimento.

— Pretendemos recuperar a vocação cultural do lugar. Essa



Prefeitura espera reconstruir salas de cinemas e pavimento

era a idéia original de Lúcio Costa — explica Flávia Portela, arquiteta e prefeita do Conic.

Segundo ela, 400 mil pessoas circulam diariamente em frente ao SDS, mas, devido à má fama de prostituição e violência sustentada durante anos, não se arrisgam a frequentar as galerias de lojas. Para atrair esse público, a prefeitura tenta, na bancada do Distrito Federal no Congresso, emplacar uma emenda para o orçamento de 2004 que prevê a verba de R\$ 17 milhões para revitalizar o Conic.

— Os deputados não consideram a emenda como um pedido público. Se não conseguirmos o dinheiro, as chances de recupe-

rar o centro comercial são nulas — lamenta a arquiteta.

Para Flávia, o Conic ainda tem seu brilho. Religiosos, estudantes, garotos de programa e representantes da juventude *underground* se esbarram pelos corredores de lojas. Nos 22 mil m² funcionam uma igreja evangélica, duas faculdades, três casas noturnas e várias lojas de música alternativa.

— Isso aqui é um mundo. Uma diversidade de pessoas que convivem pacificamente é um espaço democrático como não se vê em Brasília — conta Flávia.

candice.alcantara@jb.com.br